

Recensão Crítica

Reis, C. (2015). *Pessoas de Livro. Estudos sobre a personagem*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019_2_17

Apenas há cerca de duas décadas a personagem começou a ocupar um lugar de destaque no campo dos Estudos Narrativos, atraindo a atenção dos investigadores que, focados no seu potencial semântico e ideológico, a têm resgatado do relativo esquecimento a que a antiga narratologia a votara. Como é sabido – e circunstanciadamente explicado pelo autor da obra que agora se apresenta – a narratologia de matriz estruturalista, que durante décadas pontuou nos estudos literários, desprezou o estudo da personagem, reduzindo-a a um conjunto de eixos funcionais que explicariam o funcionamento de certas narrativas.

No entanto, a partir da década de 90 do século passado, assiste-se à “ressurreição” desta categoria narrativa, em parte fruto de uma vasta revisão conceptual, operada no quadro de Estudos Narrativos progressivamente mais abrangentes, interdisciplinares e atentos à evolução das narrativas contemporâneas. Disso são testemunho os estudos narrativos cognitivistas, o incremento de investigações sobre a construção social de identidades, os *media studies*, os estudos culturais,

entre outras atuais correntes de pensamento das ciências sociais e humanas.

Tributário deste movimento de revitalização da personagem, Carlos Reis reúne agora em livro um conjunto de ensaios que, no decurso dos últimos dois anos, produziu no âmbito do projeto de investigação que coordena no Centro de Literatura Portuguesa (CLP) – Figuras da Ficção¹ – e que culminará com a publicação do primeiro dicionário de personagens da ficção portuguesa. Com um sugestivo título tomado de empréstimo a Saragamo, *Pessoas de Livro*, com a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra, este livro propõe ao leitor um percurso denso pela compreensão da personagem, à luz das mais recentes teorias narrativas.

Os sete textos reunidos neste volume, embora escritos em tempos e contextos diversos, exibem uma unidade temática e uma complementaridade que dizem bem do intuito sistematizador que presidiu à sua reorganização e que fazem deste livro uma referência dentro

¹ Para uma melhor compreensão dos objetivos e âmbito deste projeto, consulte-se o respetivo blog: <https://figurasdaficcao.wordpress.com/>

dos estudos narrativos nacionais, transcendendo claramente o limite do projeto em que foi pensado. Equilibrando uma visão retrospectiva, em que Carlos Reis apresenta o estado da arte da questão, com um alcance projetivo, responsável pelo avanço do conhecimento sobre a matéria, este livro concilia textos de teor mais reflexivo com outros de aplicação que nos surpreendem pela vasta cultura literária do autor e pela originalidade com que procura exemplos de outras artes em que o fazer personagem é central. O mesmo é dizer que aqui se encontram reflexões de âmbito teórico que procuram, não apenas uma revisão das problemáticas da personagem de ficção, mas que constituem sobretudo propostas teóricas inovadoras, que cobrem o estudo da personagem também em universos paraficcionais suportados por narrativas de tipologias muito distintas: das historiográficas, às cinematográficas ou às jornalísticas.

A este respeito, parece-nos significativo que o último ensaio deste livro roube aos *media* a inspiração do seu título: “The Special One. Fenomenologia do herói desportivo”. Aqui, de facto, fica evidente um dos propósitos desta obra: olhar para a personagem

– no caso, o herói – à luz das novas narrativas do século XXI, hipertextuais, multimedias e interativas. Longe estamos do herói modelar da Antiguidade clássica, resguardado em livros de papel canónicos. Agora, os heróis são outros e chegam-nos figurados por linguagens multimédia, em contextos triviais, envoltos num manto de espetacularidade, inseridos em lógicas de vedetização, sem a qual não vivemos já, como bem constata Vargas Llosa na sua *Civilização do Espetáculo*.

Antes, porém, de chegar a esta fase exploratória, Carlos Reis tem o cuidado de organizar um conjunto de textos de enquadramento, nos quais tece a malha teórica que suporta as suas incursões mais práticas. O ensaio inicial – “Estudos Narrativos: a questão da personagem ou a personagem em questão” – é, assim, absolutamente decisivo para se perceber não apenas o que fica dito mas, sobretudo, para se compreender o posicionamento epistemológico do autor dentro do campo dos estudos de personagem. Consciente de que, no seio dos Estudos Narrativos, existe um filão recente e muito fértil

de exploração da personagem, protagonizado por autores como David Herman, Fotis Jannidis ou Uri Margolin, a quem presta a devida homenagem, o autor procede a um estado da arte crítico sobre a questão, percorrendo diacronicamente as diversas correntes que, de modos diversos e com impactos diferentes, têm contribuído, desde a década de 60 aos nossos dias, para a compreensão daquela que é a categoria narrativa por excelência. Ora, embora distante já das abordagens estruturalistas que, no ensejo de tudo esquematizar, reduziram a personagem a uma mera função textual, Carlos Reis não se deixa deslumbrar pelas novas teorias apenas e é suficientemente ‘justo’ para reconhecer o quanto devemos a autores como Gérard Genette.

Resgatando o conceito de metalepse, introduzido no estudo da narrativa por este autor francês e crucial para se perceber o papel, construção e alcance da personagem nas narrativas de hoje (já não cingidas a páginas de romances, antes suportadas em linguagens e *media* muito diversos – do cinema, ao romance gráfico, das histórias digitais aos jogos de vídeo), o professor

de Coimbra inaugura, assim, uma linha de análise importante para os estudos narrativos mediáticos, que em muito contribui para a compreensão de novas dinâmicas comunicativas, ensaiadas nas histórias e nas figuras que preenchem o universo narrativo contemporâneo (a questão do esbatimento de fronteiras entre o real e o ficcional, por exemplo). É sobretudo no texto dedicado às “Figurações da personagem realista”, a propósito da representação de Alencar n’*Os Maias*, que abundam os exemplos de procedimentos metaléticos, dos quais nos permitimos destacar a ousadia de Woodie Allen – realizador de eleição do autor – com a criação do “aventureiro e explorador” Tom Baxter em *Rosa Púrpura do Cairo*.

Além da recuperação de conceitos já antigos, o valor deste livro reside essencialmente na forma como ensaia uma nova teoria da personagem, evidenciando um renovado modo de problematização das questões. Fá-lo sobretudo através da exploração de novos conceitos: figura, figuração e sobrevivência. Olhando para esta categoria narrativa em todas as suas facetas, Carlos

Reis propõe o estudo da personagem nas suas três dimensões: como constructo discursivo, da responsabilidade de um narrador que mobiliza um conjunto de procedimentos estilísticos, textuais e retóricos para construir a figura; enquanto entidade de dimensão trans-histórica, que transcende a narrativa que a acolhe originariamente; como signo aberto que se oferece a leituras diversas, em função do tempo e do modo como é interpretada. Com base nestes pressupostos, o autor consegue propor uma abordagem atualizada, que, sem rasurar cegamente estudos prévios, tem a vantagem de permitir um enquadramento epistemológico suficientemente elástico que suporta o estudo de personagens como as vedetas de Hollywood a par com as grandes heroínas de oitocentos; os atores da cena mediática ou os tipos queirosianos.

Dito de outra forma, sugerindo o conceito de figuração como “um conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais de feição antropomórfica, conduzindo à individualização de personagens em universos específicos, com os quais interagem” (p. 122), o autor orienta o estudo desta

categoria narrativa, atendendo ao seu dinamismo e à sua complexidade. Desconhecemos se Carlos Reis terá lido o repto lançado por Marc Lits, em ensaio recente, sobre a urgente criação de uma hipernarratologia que desse conta das novas narrativas do espaço público (Lits, 2015). Certo é que, olhar deste modo a personagem, como representação (ou deveríamos dizer figura?) da pessoa, tal como nos é proposto em *Pessoas de Livro*, é um passo importante na construção dessa renovação a que apela o professor belga.

Tanto assim é que esta obra, quer pelo substrato teórico que contém, quer pelos objetos que analisa – desde personagens romanescas canónicas, como Emma Bovary ou D. Quixote, a heróis desportivos mediatizados, como Eusébio ou José Mourinho – passará a ser, estamos certos, uma referência para várias áreas do saber: desde os Estudos Literários, aos Estudos Inter-artes, passando pelos *Media Studies*. Para além do seu valor científico, há que realçar também a clareza expositiva, a variedade de bibliografia citada e consultada, o estilo fluente, a reprodução de imagens e os inúmeros exemplos ilustrativos, que fazem

deste livro também um interessante objeto pedagógico para todos quantos se queiram dedicar ao estudo do fascinante universo da personagem.